O Preço de Ter

Como reduzir o **consumismo** em tempos de **ansiedade**



FELIPE GASPARIN GRANDO

INTRODUÇÃO

O que acontece depois da conquista?

Você já percebeu como algumas das lembranças mais gostosas da vida começam com uma conquista?

A primeira bicicleta. O primeiro celular comprado com o próprio dinheiro. O dia em que alguém entrega as chaves de um apartamento. O carro estacionado na garagem pela primeira vez. Uma mesa de trabalho finalmente montada do jeito que você queria.

Esses momentos merecem ser comemorados. Eles representam esforço, escolhas, sonhos e, muitas vezes, anos de dedicação. Não há nada de errado em querer melhorar de vida, morar em um lugar mais confortável ou comprar alguma coisa que nos faça felizes.

Mas existe uma parte dessas histórias que quase nunca aparece na fotografia da conquista.

Ela vem depois.

Vem quando o carro precisa de pneus. Quando a casa pede pintura. Quando o computador fica lento e precisa de uma peça. Quando um seguro vence, uma conta anual chega ou um objeto quebra justamente no mês em que o orçamento já estava apertado.

Não é que essas coisas tenham deixado de valer a pena. É que, junto com elas, recebemos compromissos que nem sempre imaginamos no começo.

Durante muito tempo, eu também olhei para muitas decisões principalmente pelo valor de compra ou pelo tamanho da parcela. É um jeito bastante comum de pensar: se cabe no mês, parece que está resolvido. Com o tempo, porém, comecei a prestar mais atenção naquilo que continuava custando dinheiro depois da compra. E percebi que, quando juntamos várias aquisições, o efeito é maior do que parece.

Uma despesa de quarenta reais por aqui. Um seguro de alguns milhares de reais uma vez por ano. Uma revisão que não pode

esperar. Um equipamento que precisa de material para funcionar. Sozinhas, essas contas podem parecer pequenas ou administráveis. Juntas, elas ajudam a explicar por que tanta gente trabalha, recebe, paga tudo e chega ao fim do mês com a sensação de que o dinheiro simplesmente desapareceu.

Talvez você já tenha sentido isso. Talvez esteja sentindo agora.

Este livro nasceu de uma pergunta muito simples: **quanto custa continuar tendo tudo aquilo que conquistamos?**

Não quero convencer você a vender seu carro, desistir da casa própria ou abrir mão de coisas que gosta. Quero convidá-lo a olhar para elas com mais atenção. Uma escolha pode ser maravilhosa e, ao mesmo tempo, exigir planejamento. As duas coisas não se anulam.

Também vamos falar sobre algo que se tornou muito presente no nosso cotidiano: a vontade de comprar quando estamos cansados, frustrados, ansiosos ou precisando de uma recompensa. Num mundo em que quase tudo está a poucos toques na tela, nem sempre há tempo entre sentir vontade e apertar o botão de pagamento. E é nessa pequena distância entre a emoção e a decisão que às vezes nasce uma obrigação para muitos meses.

Não se preocupe: você não encontrará aqui sermões contra o consumo nem uma coleção de regras rígidas que serviriam para todo mundo. A vida é mais variada do que isso. Uma compra que seria desnecessária para uma pessoa pode ser essencial para outra. O que é caro para alguém pode ser perfeitamente sustentável para quem tem outra renda, outras necessidades ou outras prioridades.

Vamos conversar sobre carros, imóveis, equipamentos, compras pela internet, formas de trabalhar e alternativas que a economia atual oferece. Vamos olhar para o custo das coisas de um jeito simples, sem exigir que você goste de matemática. E vamos pensar no que poderia mudar se, antes de cada conquista, fizéssemos uma pergunta a mais.

Não apenas: “Quanto custa?”

Mas também: **“O que essa escolha vai pedir de mim daqui para a frente?”**

Ao longo do livro, apresentarei uma ideia que chamo de *Teoria da Expansão dos Custos da Posse*. O nome é um pouco comprido, mas a explicação é fácil: conforme acumulamos bens, podemos acumular também os gastos e as responsabilidades necessários para mantê-los. Essa observação dialoga com conceitos já conhecidos; minha proposta é reuni-los numa conversa próxima da vida real, olhando não somente para uma compra isolada, mas para o conjunto de coisas que precisamos sustentar ao mesmo tempo.

Há uma distinção importante desde o início. **Pessoas não são bens.** Filhos não são patrimônio nem investimento e não fazem parte dessa análise. Os vínculos humanos têm seu próprio significado e suas próprias responsabilidades. Quando falarmos de cuidados com animais de estimação, também o faremos com respeito ao fato de que são seres vivos, não objetos. O foco econômico da teoria estará nos bens materiais e nas obrigações ligadas a eles.

Se, ao terminar este livro, você passar a fazer escolhas com mais clareza e menos surpresas, ele terá cumprido seu propósito.

Porque conquistar é bom. E compreender o que vem depois pode tornar a conquista ainda melhor.

Capítulo 1

A conquista é apenas o começo

Imagine que você passou meses juntando dinheiro para comprar um computador. Pode ser para estudar, trabalhar, jogar ou simplesmente ter um aparelho melhor em casa. Você pesquisa modelos, assiste a vídeos, compara preços e espera uma promoção. Até que chega o dia.

A compra é feita. A caixa chega. Você abre com cuidado, conecta tudo, liga o computador e sente aquela satisfação de ter conseguido o que queria.

Pouca gente pensa em manutenção nesse momento. E ainda bem: não precisamos estragar a alegria de cada conquista antecipando todos os problemas do mundo.

Mas, algum tempo depois, talvez venha a necessidade de trocar uma peça. Comprar um acessório. Atualizar um programa. Limpar o equipamento. Pagar mais energia. Um dia, quem sabe, substituí-lo.

Isso não significa que o computador foi uma escolha ruim. Significa apenas que o dia da compra era o começo da história, não o fim.

O mesmo acontece com praticamente tudo o que usamos durante anos.

A etiqueta conta só uma parte da história

Quando vemos um preço, recebemos uma informação clara: quanto custa levar aquele produto para casa hoje. É uma informação importante, mas limitada.

Pense em uma geladeira. Duas lojas oferecem modelos diferentes. Um deles é mais barato. O outro tem preço maior, mas pode consumir menos energia ou apresentar melhores condições de garantia. Qual é o mais econômico?

Só olhando a etiqueta, não dá para saber.

A decisão depende de quantos anos você pretende usar a geladeira, do consumo de energia, da necessidade real de espaço, da assistência disponível e até da diferença entre os preços. Às vezes, o mais barato na loja não será o mais barato ao longo do tempo. Em outras situações, a diferença de preço entre os modelos é tão grande que o mais simples continua sendo a melhor escolha.

É por isso que não existe uma resposta automática.

A etiqueta nos conta quanto precisamos pagar para começar. O restante da história aparece no uso.

Repare que isso não vale apenas para coisas caras. Uma impressora acessível pode parecer uma boa compra até descobrirmos o preço dos cartuchos. Um eletrodoméstico pode exigir produtos especiais de limpeza. Um sofá claro pode pedir mais cuidados do que imaginávamos. Uma ferramenta pode precisar de acessórios para realizar justamente o serviço que queríamos fazer.

Essas despesas não são necessariamente problemas. São parte da realidade de possuir e utilizar alguma coisa.

“Mas eu já terminei de pagar”

É comum pensar que, depois da última prestação, uma compra deixou de custar. Que alívio quando aquela parcela desaparece da fatura!

Só que terminar de pagar e terminar de gastar são coisas diferentes.

Uma casa quitada continua precisando de manutenção. Um carro sem financiamento ainda precisa de combustível, pneus e seguro, conforme a escolha do proprietário. Um computador pago à vista ainda usa energia. Até um móvel que dura décadas pode precisar de pequenos reparos.

Isso é uma observação simples, mas muda a maneira de pensar no orçamento.

Se tudo o que já pagamos deixasse de exigir recursos, bastaria concluir os financiamentos para ter quase todo o salário livre. Na

prática, as despesas de manutenção continuam existindo, embora muitas sejam menores do que a prestação que desapareceu.

E aqui há uma boa notícia: **o fim de uma parcela pode abrir espaço para cuidar melhor do que já temos e começar a guardar dinheiro.** O problema aparece quando, antes mesmo de aproveitar esse alívio, substituímos a parcela antiga por outra compra.

Imagine uma pessoa que termina de pagar um equipamento em junho. Ela passou dez meses destinando uma parte do salário àquela compra. Em julho, de repente, a fatura fica mais leve. A primeira reação pode ser pensar: “Agora posso parcelar outra coisa”.

Pode mesmo, se houver necessidade e planejamento. Mas vale considerar outra possibilidade: e se parte desse valor passasse a ficar na conta, mês após mês?

Às vezes, uma mudança importante na vida financeira não começa com um aumento de salário. Começa com a decisão de não preencher imediatamente o espaço que acabou de surgir.

As despesas que não avisam todo mês

Há contas que conhecemos bem porque aparecem sempre. A internet chega, a luz chega, o supermercado faz parte da rotina. Mas outras parecem surgir do nada.

IPVA. Seguro. Revisão. Conserto. Troca de pneus. Pintura. Reparos no telhado.

Elas não surgiram exatamente do nada. Muitas já eram esperadas, apenas não tinham um lugar reservado no orçamento.

Vamos imaginar uma pessoa que paga R$ 3.000 de seguro do carro por ano. Ela pode olhar para os meses sem essa cobrança e achar que tem mais dinheiro livre do que realmente tem. Quando a renovação chega, precisa reorganizar todas as contas para encontrar R$ 3.000.

Se essa mesma pessoa separar R$ 250 por mês, ao final de doze meses terá os R$ 3.000 necessários, sem considerar rendimentos. O seguro não ficou mais barato. Mas deixou de ser uma surpresa.

Talvez você esteja pensando que não dá para reservar dinheiro para tudo. E é verdade: quando a renda está apertada, nem sempre conseguimos fazer todas as provisões que gostaríamos. Ainda assim, saber que a despesa existe já ajuda a planejar. Podemos pesquisar preços, ajustar prioridades, procurar alternativas e evitar decisões feitas na correria.

Previsibilidade não resolve todos os problemas, mas reduz uma parte do susto.

Quando a vida vai ficando mais cheia

Na juventude, muitas pessoas têm poucos bens próprios. Depois começam a montar sua vida: um computador melhor, um veículo, móveis, eletrodomésticos, talvez um imóvel. Cada conquista representa uma etapa.

O curioso é que as despesas das etapas anteriores não desaparecem quando a seguinte começa.

A pessoa compra um carro, mas continua pagando energia, internet e manutenção dos aparelhos. Mais tarde, muda para um imóvel e acrescenta outros compromissos. Depois melhora a casa, compra equipamentos, faz reformas, troca o carro. Cada decisão pode trazer benefícios reais, mas também novos cuidados.

É como organizar uma mochila para uma viagem. Um objeto isolado pesa pouco. Outro também. Quando colocamos tudo junto, o peso muda. Não porque algum dos objetos seja necessariamente inútil, mas porque agora precisamos carregar o conjunto.

Com os bens, ocorre algo parecido: o que importa não é apenas o custo de cada um. É a soma dos compromissos que continuam existindo ao mesmo tempo.

E a renda? Nem sempre ela cresce na mesma velocidade.

Podemos receber um aumento, trocar de emprego, conseguir uma renda extra. Mas também podemos passar por meses difíceis, mudanças de trabalho ou períodos em que o dinheiro entra com menos regularidade. Aquilo que parecia confortável num bom momento pode ficar apertado quando as circunstâncias mudam.

Não estou dizendo isso para estimular medo. Estou dizendo porque o planejamento precisa caber na vida como ela é: cheia de mudanças.

O outro lado da conta: por que vale a pena ter

Seria injusto falar apenas de custos.

Uma casa oferece proteção, autonomia e espaço para construir memórias. Um carro pode facilitar deslocamentos, aproximar pessoas e abrir oportunidades de trabalho. Um computador pode ajudar alguém a estudar, produzir, empreender ou simplesmente descansar jogando algo de que gosta.

Esses benefícios importam. Alguns podem ser calculados em dinheiro; outros não.

O objetivo deste livro não é fazer você olhar para uma conquista e enxergar somente boletos. É ajudar a olhar para ela por inteiro.

Imagine duas pessoas com a mesma renda. Uma mora longe do trabalho e precisa do carro diariamente. A outra vive perto de tudo e usa transporte público com facilidade. O custo mensal de um veículo pode fazer sentido para a primeira e não para a segunda. Nenhuma das duas está automaticamente mais certa.

Também não faz sentido medir toda alegria pela quantidade de reais que ela economiza. Às vezes, vale a pena pagar por conforto, praticidade e experiências. O importante é que isso seja uma escolha consciente, e não uma obrigação que apareceu sem ser percebida.

Uma pergunta a mais

Antes de uma compra importante, muitas pessoas perguntam: “Eu consigo pagar?”. É um ótimo começo.

Mas experimente acrescentar: “Eu consigo manter?”.

Se for um carro, pense no uso e nas despesas que virão. Se for um imóvel, lembre das contas da casa e dos cuidados necessários. Se for um equipamento, pergunte quanto custa fazê-lo funcionar e por quanto tempo você pretende usá-lo.

E pergunte também: “O que vou ganhar com isso?”. Conforto? Tempo? Segurança? Prazer? Uma ferramenta para trabalhar?

Não precisa ser uma decisão perfeita. Quase nenhuma é. A ideia é conseguir enxergar um pouco mais do caminho antes de começar a percorrê-lo.

Talvez, depois de pensar, você compre exatamente o que queria. Ótimo. Talvez escolha outra versão. Talvez espere mais um pouco. Também está tudo bem.

A consciência não diminui o valor de uma conquista. Ela ajuda a protegê-la.

Na próxima conversa, vamos olhar para um outro momento da compra: aquele em que ainda não sabemos muito bem por que queremos algo, mas sentimos uma vontade enorme de comprar. Porque nem todas as decisões começam com uma necessidade. Algumas começam com um sentimento.